

BATMAN TERRA DE NINGUÉM: DO CONTRATO SOCIAL AO LEVIATÃ

BATMAN LAND OF NOBODY: FROM THE ARTICLES OF ASSOCIATION TO LEVIATAN

BATMAN TIERRA DE NADIE: DE LOS ARTÍCULOS DE ASOCIACIÓN A LEVIATAN

Laluña Gusmão Machado ¹

Manuscrito recebido em: 12 de setembro de 2021.

Aprovado em: 05 de outubro de 2021.

Publicado em: 25 de outubro de 2021.

Palavras-chave: História em Quadrinhos; Guerra; Sociologia; História; Filosofia.

Keywords: Graphic Novel; Warfare; Sociology; History; Philosophy.

Palabras clave: Novela Gráfica; Guerra; Sociología; Historia; Filosofía.

“... Depois que o solo partiu e os edifícios tombaram, a nação abandonou Gotham City. A partir de então, apenas os valentes, os saqueadores e os insanos permaneceram no lugar que passou a ser chamado de Terra de Ninguém.”

“Aproximadamente 561.000.000 resultados”², isso é o que acontece quando você coloca a palavra *Batman* no Google. Sim, mais de 500 milhões de resultados. Efeito de mais de 80 anos de histórias trans midiáticas que flutuam no imaginário coletivo. Com uma fórmula de junção entre *Ideia* e *Personagem*, o Homem Morcego se mantém em expansão, gerando um impacto considerável nos vieses culturais que é impulsionado por uma

¹ Graduada em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Professora na Universidade Santa Cecília. É uma das mais importantes pesquisadoras acadêmicas do personagem Batman e seu universo ficcional no Brasil. Sua pesquisa acadêmica tem como foco a primeira produção do Batman para o cinema na cinessérie de 1943, considerando as representações da Segunda Guerra Mundial no discurso e na caracterização simbólica do Homem Morcego. Paralelamente, também pesquisa tudo que possa determinar a formação do personagem em diversas mídias, assim como, sua história e a importância do mesmo para os adventos da cultura nerd. Vencedora do Troféu HQ MIX – 2020 nas categorias Melhor Livro Teórico e Melhor Mix com a obra *Mulheres & Quadrinhos*. Indicada ao Troféu Ângelo Agostini 2020 como Melhor Publicação com o *Mulheres & Quadrinhos*. Foi uma das fundadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas “HQê?”. É membro do Observatório de Histórias em Quadrinhos da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo e da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial (ASPAS). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas Sonia Maria Bibe Luyten. É colaboradora na Gibiteca de Santos e editora do site FACADAX. Além de ser escritora, consultora e produtora de conteúdo da Editora Skript.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-2345-6789>

Contato: lalunagusmao@hotmail.com

² Acesso em 11.09.2021

simbologia que alcança diversos consumidores, utilizando quase todos os braços da cultura popular e/ou cultura de massa. Um fenômeno que poucas figuras podem estabelecer e manter.

Contudo, isso não ocorre de forma repentina e orgânica. O super-herói *Bat-man* (isso mesmo, havia um hífen) teve seu primeiro contato com o público leitor nas páginas da *Detective Comics #27* em maio de 1939, publicada pela *National Comics* que viria se tornar uma das maiores editoras de quadrinhos do planeta, a DC Comics. O Homem Morcego foi um produto derivado, principalmente, das ideias do jovem Bill Finger em conjunto com seu parceiro Bob Kane, que consumaram sua história *The Case of the Chemical Syndicate*, seguindo a estrutura narrativa dos roteiros das revistas *pulps*. Para tanto, o jovem milionário Bruce Wayne necessitava de pontos mais sólidos para compor todo o seu cenário ficcional. Aspectos da sua personalidade tanto como Batman, quanto Bruce foram resultados também de um contexto político-econômico-social.

Nas primeiras décadas do século XX os Estados Unidos da América foi um dos países que mais foi atravessado por tensões intelectuais, sociais e econômicas. O país de área continental viu a Europa abismar-se na Primeira Guerra Mundial, em seguida, os conflitos da Revolução Russa que concretizaram a URSS e conseqüentemente, enfrentar direta e indiretamente o capitalismo monopolista. Além desses fatores externos, o país também se deparou com o acréscimo de caracteres culturais como o *blues*, *jazz* e suas derivações da música negra norte americana. Mais à frente, o *american way of life*³ ganhava força com os bens de consumo que eram adquiridos pela população. Itens como geladeiras, rádios, carros e fornos modernos tornaram-se quase que membros das famílias ou extensão delas. Porém, mesmo com suas casas oferecendo demasiado conforto, a comunidade também se deliciava nas poltronas dos grandes teatros e cinemas extremamente luxuosos.

³ O *American Way* (em português, *jeito americano* ou *estilo americano*) ou *American way of life* (*estilo americano de vida*) é a expressão aplicada a um estilo de vida que funcionaria como referência de auto-imagem para a maioria dos habitantes dos Estados Unidos da América. Seria uma modalidade, comportamento, dominante e expressão do *ethos* nacionalista desenvolvido a partir do século XVIII, cuja base é a crença nos direitos à vida, à liberdade e à busca da felicidade, como direitos inalienáveis de todos americanos, nos termos da Declaração de Independência. Pode-se relacionar o *American way* com o *American Dream*.

A classe trabalhadora também deu início no consumo de bens culturais, qualificando os “primórdios” da cultura de massa, frequentando grandes galpões que eram chamados de *Nickelodeons*⁴ e que eram construídos ao lado de grandes indústrias. Assim, o proletário obteve acesso a filmes como *Em Busca do Ouro* (1925), *O Fantasma da Ópera* (1925), *The Bat* (1926) e *O Homem que Ri* (1928), produções que também influenciaram direta e indiretamente para a composição do universo ficcional do Batman. Entretanto, os excessos teriam consequências graves com o a queda da Bolsa de Nova York em 1929, mas não tanto para o cinema, os quadrinhos e outras demais expressões culturais populares.

A Crise de 1929 e os anos de Grande Depressão que se seguiram na década de 1930, lançou-se um cataclismo econômico em grande parte do mundo, afetando drasticamente pequenas e grandes potências, principalmente os países que saíram derrotados da Primeira Guerra Mundial.

A eleição de 1933 acabou-se tornando uma espécie de evento para determinar quem tiraria o país desse ataque cardíaco. Franklin Roosevelt chegou até a Casa Branca com uma missão de super-herói. Nos primeiros anos de seu governo, Roosevelt colocou em prática suas promessas de valorização e resgate do cenário econômico, com o objetivo de fortalecer os setores agrícolas e industriais. Além disso, era de extrema importância que houvesse uma regulamentação de todo o sistema financeiro para consolidar programas de assistência social e realização de obras públicas para amparar uma população faminta. O contexto exigia um estado forte e composto por vários braços que pudessem abraçar toda uma comunidade, assim, o *New Deal* saía dos discursos e ganhava as ruas.

Do outro lado da moeda, somente grandes empresários conseguiram destinar capitais de investimento em outros setores comerciais. Henry Ford é um dos exemplos mais felizes desse tipo de iniciativa. O burguês do setor automobilístico viu no cinema uma alternativa de fixar na trajetória de aplicação, assim, os bens de consumo culturais mantiveram Ford numa espécie de monetária permitindo sua manutenção de capital.

⁴ Inglês estadunidense: *nickel* = moeda de 5¢, Grego: *Odeion* = teatro coberto

Transportando este fato para a ficção, não é coincidência que a família Wayne manteve seu *status* após uma década da quebra da bolsa.

O contexto possibilitou uma visão mercantil para o cinema, o transformando em um veículo com extremo potencial lucrativo. Desenvolvendo tecnologias essenciais para a sua manutenção, passando do *cinema mudo* para o *cinema falado* (isso pode ser visto no filme *O Artista* de 2011, vencedor de 5 Oscars), as películas deste contexto também começaram a retratar o drama que era se viver em uma crise de larga escala.

Já no setor de mídia impressa, os quadrinhos apresentavam os heróis de aventura, títulos como *Príncipe Valente*, *Flash Gordon*, *Fantasma* e *Tarzan* conquistaram lugar nas leituras escapistas da massa. As revistas eram baratas, de fácil manuseio, com artes dignas da época (algumas até além) e com roteiros que envolviam os consumidores. Outros heróis de aventura também tinham espaço em outro veículo de comunicação. O rádio fornecia conteúdos dos personagens *Cavaleiro Solitário* e *Besouro Verde*. Além do *Sombra*, personagem que também teve sua contribuição para a composição do Homem Morcego no fim da década de 1930.

Retornando para as áreas de controle estatal daquele contexto, o presidente Roosevelt exterminou a Lei Seca – 1920 que determinava que qualquer tipo de fabricação, transporte e vendas de bebidas alcoólicas fossem ilegais no país. Porém, esse tipo de determinação tem suas consequências e a Lei Seca teve a dela. Grandes esquemas de comercialização ilícita desses artigos foram desenvolvidos. Homens como Al Capone fizeram fortunas com esse tipo de tráfico e ascendeu famílias, milícias e máfias com ajuda indireta do governo federal que fazia “vista grossa” diante dos fatos e com o FBI acumulando funções para investigar, levantar provas e acusar essas facções. Neste ponto, podemos enxergar outro aspecto que foi transportado para o cenário quimérico do Cruzado Encapuzado, destacando que um dos primeiros e mais importantes inimigos do Batman é máfia. Para tanto, além de todos os seus acessórios e treinamento, o Guardiã de Gotham é antes de tudo um grande detetive e investigador.

Após 10 anos de Grande Depressão, a terra do Tio Sam avistava melhorias no fim da década de 1930 e início da década de 1940, porém, do outro lado do Atlântico e do Pacífico a Segunda Guerra Mundial urrava. O Nazismo e o Fascismo acumulavam seguidores e territórios invadidos, tanto em território Europeu, quanto na Ásia. Contudo, os estadunidenses viram nos conflitos uma oportunidade de comercialização de produtos bélicos e de manutenção das tropas Aliadas. Em paralelo, o país também iniciou o que pode ser denominado de “Política de Boa Vizinhança” que tinha como principal objetivo exportar o *american way of life* para outros países da América do Norte e do Sul. Neste contexto que os *comics* ganham espaço nos territórios latinos, levando a arte sequencial a outro nível de reconhecimento.

A produção aumentou e a ingestão dessa mídia qualificou mais possibilidades para os quadrinhos. Autenticou vários personagens além do território estadunidense, obtendo uma expansão de leitores e levando para uma sedimentação do que viria em seguida. Esse de política viabilizou a construção de um imaginário coletivo em torno dos heróis de aventura e posteriormente os super-heróis que determinaram o que é produzido e absorvido de forma maciça.

Em 1938 inicia-se uma das maiores revoluções da cultura de massa e ela vinha vestida com um collant azul, super força, cueca por cima da calça e um código de conduta moral bem Kantiano. A *Action Comics #1* foi um dos maiores feitos da mídia impressa destinada a arte sequencial, delimitou Eras da História das Histórias em Quadrinhos e legitimou o Superman como um dos maiores personagens de todos os tempos.

Não havia um momento mais oportuno para a confecção do Homem de Aço e todo o contexto histórico mais uma vez interferiu para contribuições de características de uma representação icônica como o Superman. As crianças nascidas nos anos de Grande Depressão (Steve Rogers/Capitão América é uma delas), sentiram as consequências sociais e econômicas do *crack* da bolsa com grande parte das suas oportunidades de crescimento educacional sendo furtadas. Porém, as tirinhas de jornal, filmes da Disney, os cinesseriaados de aventuras e conteúdos *pulps* também fizeram parte da construção pessoal dessas crianças e as preparam para uma nova categoria de histórias em quadrinhos.

O jovem moço que saiu de uma área rural dos EUA para se aventurar na cidade grande, também era colocado como uma representação de um homem que malogrou e que se coloca como ser limitado e que enfrentou como qualquer outro cidadão as demandas da sua conjuntura. Clark Kent externa um ar bestializado para se camuflar na população paralisada por tantas instabilidades, mas quando o jovem jornalista mostra seu peito com um S, que na língua Kryptoniana significa Esperança, as coisas tomam novas formas e apresentam um retrato de que talvez existam episódios melhores em seguida.

O Superman escancarou as portas para o surgimento do Batman em 1939, sem sua aparição o gênero de super-heróis dos quadrinhos poderia até ter sua demarcação, mas não da forma sólida que o Homem de Aço fez. A partir daí, o Batman obteve quase todos os elementos para se tornar o fenômeno que é hoje.

As adaptações do Homem Morcego estão em todos os lugares e em quase todos os tipos de mídia, sem contar a grande fonte comercial que a marca *Batman* se tornou. Crianças que nunca tiveram um contato sequer com uma linha das histórias em quadrinhos conseguem identificar o personagem. Pessoas que também passaram sua vida sem consumir arte sequencial sabe o que é *Gotham City*. Personagens como o Coringa, considerado um dos maiores e melhores vilões de todos os tempos e que teve sua origem/consagração nas páginas dos gibis do Batman, alcançou um status de produto cultural erudito com seu primeiro filme solo em 2019, protagonizado por Joaquin Phoenix e acumulando um total de 16 prêmios, incluindo o Oscar de Melhor Ator em 2020.

Para tanto, as histórias do Homem Morcego também servem para estabelecer reflexões sociológicas, filosóficas e fazer análises de contextos históricos, de imagem e de discurso. *Batman Terra de Ninguém* é uma dessas narrativas que trazem uma riqueza de parâmetros para desenvolvimento de pesquisas.

Lançado em janeiro de 1999 e com término em dezembro do mesmo ano, *Terra de Ninguém* é colocado na posição de um dos maiores arcos nas histórias do Batman. A trama foi retratada mensalmente em revistas como *Detective Comics*, *Batman*, *Batman: Shadow of the Bat* e *Batman Legends of the Dark Knight* e derivados *spin-off* que podem chegar à soma de 80 edições mensais que envolviam o ambiente narrativo do arco. Desenhada e escrita por várias mãos, dentre elas Lisa Klink, Dennis O'Neil, Paul Dini e Alex Ross (que fez

a capa da edição de maio/1999 de *Batman*), a saga consolida fatos que aconteceram anteriormente em *Terremoto* e *Caminhando para a Terra de Ninguém*.

Nesta publicação antológica para a cena a arte sequencial, sem dúvida, a personagem principal é Gotham City. Mas não a cidade em si com pontes monumentais, prédios enormes e um Batsinal que funciona como *Whatsapp*. Mas sim, a estrutura que a cidade dispõe, estrutura social ou ausência dela.

A cidade surgiu em dezembro de 1940 na edição *Batman #4*, desde então tem sido o principal cenário de inúmeras produções, tanto as que envolvem o Homem Morcego, quanto a outros personagens da DC Comics ou em *crossover* com a Marvel e/ou demais editoras. Geograficamente a metrópole é localizada de forma fictícia no estado de Nova Jersey nos Estados Unidos e tem Chicago, Los Angeles e Nova York como suas maiores referências. Além disso, a cidade também tem sua própria história de origem que se assemelha à construção de grandes centros urbanos estadunidenses na primeira metade do século XVII.

No arco *Batman: Gates of Gotham* (2011) é detalhado como foram forjados os primeiros pilares da cidade por Alan Wayne, Theodore Cobblepot (ancestral do vilão Pinguim) e Edward Elliot (ancestral do vilão Silêncio). Que com os desenvolvimentos pós Primeira Revolução Industrial construíram 3 pontes em 1881, possibilitando uma expansão comercial para a ilha e qualificando o território como uma metrópole ficcional, mas que apresenta todas as características de uma sociedade urbana real.

Gotham não deixa de ser um exemplo de organização social, mesmo que não seja um dos melhores. Segundo o filósofo Jean Jacques Rousseau (1712-1778), para que se possa manter o mínimo de liberdade natural do homem e ao mesmo tempo ter garantias de um bem-estar coletivo em sociedade, ela deve se manter sob os parâmetros de um Contrato Social. Rousseau destaca que deve haver uma soberania política sobre a vontade política. Literalmente, isso funciona em Gotham, a cidade ainda conta com eleições democráticas para seus representantes civis como Prefeito e Promotores (nem sempre são boas escolhas, afinal os gothamitas já elegeram o Coringa como prefeito). Contudo, o filósofo também prevê a associação de líderes com corrupção, afinal o homem nasce bom, mas a sociedade o corrompe. Um dos maiores exemplos desse tipo de representação também é

encontrada em um dos vilões do Batman, o promotor de justiça Harvey Dent que acaba se tornando o Duas Caras.

Porém, em *Terra de Ninguém* a cidade vem abaixo com um desastre natural, um terremoto que alcança a magnitude de 7.6 graus e “ironicamente” só as propriedades das Indústrias Wayne se mantêm de pé (que coisa, não?!). A Mansão Wayne desaba e supostamente leva a morte os seus ocupantes (parece que o burguês Bruce Wayne não pagará os direitos trabalhistas do mordomo/motorista/médico/pai/mecânico/caseiro Alfred).

A cidade que já era um caos era um caos com supervilões, que em sua maioria possuem ensino superior, e um moço burguês que nunca fez terapia e se veste de morcego para se tornar um justiceiro, agora se torna o Leviatã (1651).

Thomas Hobbes (1587-1666) atesta que sem a existência de uma sociedade civil (e mesmo com ela) a competição por riqueza, glória e segurança seria inevitável, afinal, segundo o teórico político o homem é egoísta em sua essência, que seu estado natural é de predador e sem a construção de um estado civil isso é caracterizado como “normalidade”. Pois bem, isso de certa forma acontece em *Batman Terra de Ninguém*, a cidade foi dividida em territórios que são chefiados por alguns dos maiores vilões do universo ficcional do Batman como Coringa, Duas-Caras, Pinguim, Hera Venenosa e Máscara Negra.

Em contrapartida, o Batman desaparece após não conseguir resolver os problemas de Gotham no Congresso, o governo dos EUA decidiu isolar a cidade e não trata-la como parte do território nacional, tornando-a *Terra de Ninguém*.

Nesse mesmo caminho, o Comissário Gordon desiste do Batsinal e tenta resolver as coisas de forma completamente primitiva e sem o apoio institucional e opressor da polícia. Barbara Gordon como Oráculo, tenta manter todos sob vigilância, mesmo que suas condições tecnológicas tenham piorado muito com perdas de equipamentos como câmeras de monitoramento das vias. Gotham está rendida a algo que o Batman não tem o menor controle, ninguém entra ou sai. Segundo Hobbes, esse tipo de ambiente força a manutenção da soberania do estado através de um Leviatã, ou seja, alguém que “puna” os desertores que se negam a submeter-se ao contrato social.

Isso acontece na figura de ninguém mais, ninguém menos que... Batman. O Homem Morcego retorna para a cidade completamente destruída, orienta os componentes da Batfamília (Robin, Batwoman, Batgirl, Asa Noturna, Robin Vermelho...) que não se intrometam no que virá pela frente e mais uma vez tenta salvar a cidade da qual ELE precisa. Batman começa a desbancar os territórios que foram tomados por vilões e conseqüentemente, coloca seus capangas para trabalhar para ele na tentativa de deixar Gotham minimamente cívica. Com o tempo ele investe dinheiro em equipamento dos seus parceiros para que certas medidas possam ser mantidas, principalmente as prisões dos criminosos.

Porém, mesmo com essa “necessidade” de se colocar como soberano nesse contexto, o Batman não contava que alguém tão rico quanto Bruce Wayne iria vislumbrar um contingente financeiro em Gotham a partir desse cenário. Lex Luthor entra na narrativa com intenções que legitimam os argumentos de Hobbes (competição por riqueza e glória), Luthor tem planos para “revitalizar” Gotham, contudo, a cidade inteira o pertenceria e não somente no sentido de poder em relação ao território, mas também no sentido financeiro. Lex seria realmente o dono de Gotham.

Além disso, o Coringa se coloca como “candidato” a Presidente de Gotham, já que o território da cidade foi exilado dos EUA, Gotham pode ser reconstruída com dimensões de um país “independente”.

Só que mais uma vez Batman e Bruce Wayne são colocados como peças a frente para o tão esperado xeque-mate narrativo. Bruce estabelece que as Empresas Wayne como maior financiadora da reconstrução de Gotham, com processos que podem-se ser chamados de “jeitinho”. Assim, os planos de Luthor são desqualificados e a cidade absorve mais uma vez a representação do Homem Morcego como herói e até de messias. Para boa parte da população, o Batman salvou a cidade de um verdadeiro apocalipse. Bruce Wayne torna-se proprietário efetivo da cidade, Batman torna-se uma espécie de imagem clerical. Logo, duas representações de um soberano, *Palavra e Poder de um Governo Eclesiástico e Civil*. O Batman se assemelha a *Matéria*, o Detetive de Gotham torna-se o Leviatã. Contudo, a história não termina aqui e tem um fim surpreendente, mas eu não suspenderei o prazer de vocês com um *spoiler*.

Batman Terra de Ninguém é considerada uma das melhores e maiores sagas do Homem Morcego e também serviu de auxílio narrativo para a construção do roteiro do filme *Batman O Cavaleiro das Trevas Ressurge* (2012), última obra que compõe a franquia dirigida por Christopher Nolan. Para tanto, toda a história em si segue o mesmo parâmetro narrativo da maioria dos arcos que envolve a cidade de Gotham que são: todo o caos tem seu início com ações do Bruce/Batman, claro que neste caso tem um fator natural, mas toda a história vai te convencendo que somente fatores externos são os responsáveis pelo declínio da cidade. A leitura se aprofunda, o leitor percebe que os acontecimentos vão piorando, o Batman quase morre e depois retorna para salvar tudo e todos sem refletir que suas próprias ações poderiam ter mudado o rumo e o agravamento das situações. Um típica Jornada do Herói que se faz presente desde a Antiguidade.

Porém, esse tipo de material traz uma riqueza de conteúdos e de representações de discursos e icônicas que podem fazer uma grande diferença quando se tem a disposição e conhecimento para ter como resultado análises de cunho filosófico, social e sem dúvida, aspectos que podem espelhar contextos históricos de uma determinada civilização, comunidade, metrópole, continente e país. As histórias em quadrinhos também são reflexos de uma determinada produção que se encaixa em um determinado consumo, tornam-se fontes de pesquisa, principalmente as que envolvem transdisciplinaridades. Deixar preconceitos e gessos acadêmicos também levam (e muito) para a inovação e evolução do pensamento científico.

Referências

BATMAN – TERRA DE NINGUÉM. São Paulo: Editora Abril, Super-Heróis Premiun, 2001.

BROOKER, W. **Batman Unmasked: Analyzing a Cultural Icon**. New York/London: Continuum, 2001.

CABRERA, JULIO. **O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

FERNANDES, D. [Editorial]. **História Viva: Especial Grandes Temas** – Super-heróis contam a história do século XX, São Paulo, n. 52, 2014.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FURHAMMAR, L.; ISAKSSON, F. **Cinema e Política**. 2 Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

GARCIA, Santiago. **A novela gráfica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

HOBBS, Thomas. **Leviatã. Matéria, forma e poder de um Estado eclesiástico e civil**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1983.

HOBBS, Eric. **A era dos extremos: o breve século XX. 1941-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KARNAL, Leandro. et al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.

MACHADO, Lulu. **Batman The Dark Knight: A representação de um herói em guerra no seriado de 1943**. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017.

MANNING, M. K. **Batman: Arquivo Histórico**. São Paulo: Panini Books, 2015.

MARRIOTT, J. **Batman: The Official Book of the Movie**. Chicago: Mallard Press, 1989.

MOREAU, Diego; MACHADO, Lulu. **História dos Quadrinhos: EUA**. São José: Skript, 2021

MORRISON, Grant. **Superdeuses**. São Paulo: Seoman, 2012.

ROUSSEAU. **Do contrato social**. Coleção Os pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1978.

TOTA, Alexandre Pedro. **Os americanos**. São Paulo: Contexto, 2009.